

Banda Sinfónica Portuguesa

12 Dez 2021
12:00 Sala Suggia

José Rafael Pascual Vilaplana direcção musical

Alfred Reed

Punchinello (1974; c.8min)

Vittorio Giannini

Sinfonia n.º 3 (1958; c.20min)

1. Allegro energico
2. Adagio
3. Allegretto
4. Allegro con brio

Ástor Piazzolla (arr. Marco Somadossi)

Libertango (1974; c.5min)

Ennio Morricone (arr. Claudio Mandonico)

Omaggio a Ennio Morricone (c.15min)

Alfred Reed (EUA, 1921–2005) foi músico na Banda da Força Aérea dos Estados Unidos da América durante a II Guerra Mundial. Estudou na Juilliard School e foi depois compositor e arranjador em grandes cadeias televisivas. Foi editor da Hansen Publications durante uma década e professor na Universidade de Miami ao longo de quase três décadas, até 1993. Escreveu um grande número de peças para várias formações, desde banda e conjunto de sopros a orquestra, coro e música de câmara, num total de mais de duzentas obras editadas. Teve ainda uma carreira intensa como maestro convidado de agrupamentos de todo o mundo.

Com o subtítulo “abertura para uma comédia romântica”, *Punchinello* é uma obra que explora todo o espectro de cores da banda. A bela secção lírica central é emoldurada por madeiras cintilantes e pela pontuação dos metais e percussão nas secções inicial e final. Uma abertura tradicional em três partes, escrita para o Symphonic Wind Ensemble da Universidade de Western Illinois.

Nascido no seio de uma distinta família com tradição musical, **Vittorio Giannini** (EUA, 1903–1966) foi um prolífico compositor que deixou um catálogo com óperas, sinfonias, canções, obras corais e sinfónicas, e ainda música escrita para banda ou formações de câmara. Foi professor em diversas escolas de música norte-americanas, dando aulas a figuras como John Corigliano, David Amram, Adolphus Hailstork, Alfred Reed, Nicolas Flagello e Thomas Pasatieri.

A propósito desta obra, escreveu: “A Sinfonia n.º 3 foi composta por encomenda da Banda da Universidade de Duke e do seu maestro, Paul Bryan, durante o Verão de 1958 em Roma, onde me encontrava de férias. Foi a minha segunda obra para banda (...). Não posso dar outra justificação para cumprir a encomenda senão que simplesmente ‘tive vontade’ e a ideia de a fazer entusiasmou-me muito. Não vou entrar nos detalhes técnicos da obra. Basicamente, o ouvinte não está preocupado com eles além do que pode ouvir por si mesmo. Não sigo ‘ismos’ quando componho; tento projectar e comunicar um sentimento, um pensamento que está em mim no momento, utilizando qualquer técnica que o meu estado de espírito sugira para ser capaz de realizar essa comunicação. (...) Não existe um programa – apenas o que ouvi e senti naquele momento. Espero que faça música.”

A obra do argentino **Ástor Piazzolla** (Argentina, 1921–1992) centra-se essencialmente na música popular urbana do seu país, mas com uma abordagem reconhecidamente revolucionária. Bandonista e compositor, esteve ligado desde cedo ao tango de Buenos Aires, dando aí os primeiros passos como arranjador e compositor. A ida para Paris para estudar composição clássica com Nadia Boulanger, tal como a descoberta na mesma cidade do jazz mais actual de Gerry Mulligan, no princípio dos anos 50, levam-no a perceber a sua verdadeira vocação: trazer ao tango elementos como o rigor dos arranjos e a liberdade da improvisação. Interessa-se ainda por elementos como o ‘swing’ e o contraponto. Não se pode dizer que o ‘swing’, tal como existe no jazz, seja transferido para o tango, mas Piazzolla recorre a uma série de irregularidades rítmicas que até aí não eram comuns, como as constantes acentuações em partes fracas do tempo que dão à música um

carácter mais “nervoso”. A predilecção por compositores como Stravinski e Bartók também não se pode considerar alheia à variedade rítmica e à complexidade harmónica que incorpora nas suas composições, factos que não agradaram obviamente aos puristas do tango da época.

A Banda Sinfónica Portuguesa traz a este concerto a obra *Libertango*, uma das mais populares de Piazzolla e que tem sido objecto de incontáveis versões. O título é uma junção da palavra “Libertad” (liberdade) e “Tango”, evocando a sua atitude de rompimento com a tradição.

Ennio Morricone (Itália, 1928–2020) ficou especialmente conhecido pela colaboração com Sergio Leone, tendo criado as bandas sonoras de alguns dos *western spaghetti* mais célebres da história do cinema. A propósito desta parceria, Leone afirmou que “os meus filmes podem praticamente ser filmes mudos, o diálogo conta relativamente pouco; é a música, por isso, que sublinha as acções e as emoções, mais do que qualquer diálogo.”¹ Morricone escreveu mais de 500 bandas sonoras para cinema e televisão, e mais de uma centena de peças noutros géneros. Recebeu vários prémios e, em 2007, um Óscar Honorário “pelas suas magníficas e multifacetadas contribuições musicais para o cinema”. Os últimos galardões que conquistou foram o Globo de Ouro e o Óscar pela banda sonora de *The Hateful Eight* (Quentin Tarantino, 2016).

O arranjo para banda de Claudio Mandonico traz às estantes alguns dos temas que Morricone escreveu para filmes que ajudou a tornar inesquecíveis, como *Nuovo Cinema Paradiso*, *C’era una volta il West* e *Giù la testa*, entre outros.

¹ <https://www.publico.pt/2020/07/06/culturaipsilon/noticia/morreu-compositor-italiano-ennio-morricone-1923187>

José Rafael Pascual Vilaplana direção musical

Natural de Muro, Alicante (1971), aí inicia os estudos musicais em bombardino e piano, na Escola de Música da Unión Musical de Muro, prosseguindo-os nos Conservatórios de Alcoi e Valência. Estudou Direção de Banda com Jan Cober, Eugene Corporon, Karl Österreicher, Hans Graf, Yuji Yuhasa e Georges Pehlivanian.

Tem sido maestro convidado de inúmeras formações sinfónicas em países como Argentina, Alemanha, Bélgica, Colômbia, Cuba, Eslovénia, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, Portugal, Roménia e Suíça. Tem dirigido diversas bandas, tais como a Banda Nacional de Cuba, a Jungend Blassorchester da Baviera, a Banda Militar de Liubliana, a Banda Nacional Juvenil e a Banda da Marinha Real de Holanda, a Banda Sinfónica Portuguesa, a Banda Municipal de Buenos Aires, as Bandas Municipais de Corunha, Alicante, Barcelona, Bilbao, Castellón, Madrid, Pontevedra, Tenerife, Santander, Santiago de Compostela e Vitoria, a Banda de MUSIKENE, as Bandas de Canárias, Valência, Navarra e Múrcia, a Banda do Conservatório Superior de Jaén e das Canárias, a Banda e a Orquestra Sinfónica do Conservatório Superior das Astúrias, a Banda Juvenil Nacional da Colômbia, a Orquestra Jovem de Sopros da Associação Mundial das Bandas Sinfónicas e Ensembles (WASBE), as Sinfónicas de Matanzas (Cuba) e de Bucareste (Roménia), as Filarmónicas de Canárias, Múrcia, Vallés e Castellón e a Orquestra Camera Musicae de Tarragona.

Entre 2001 e 2014, foi maestro titular da Orquestra Sinfónica de Albacete, realizando inúmeras produções sinfónicas e cénicas. Actualmente é maestro titular da Banda Municipal de Bilbao e maestro convidado principal da Sinfónica da Universidade Católica António de Múrcia e da Banda Sinfónica Portuguesa. Fundou e dirige, desde 2002, a Orquestra de Sopros Filharmonia. É professor de direcção de banda da Escola Vall d'Albaida, no ISEB de Trento, e é director artístico (desde 2009) do Curso Internacional de Aperfeiçoamento Musical do Instituto Musical G. A. Fano em Spilimbergo (Itália). É compositor de diversas obras de câmara, sinfonias, coros e música de cena para teatro, assim como do musical *Balansiyá*.

Foi distinguido com a "Batuta del Mtro. Tomás Boufartigue" em Havana (1991). Ganhou o 1.º Prémio nos Concursos Internacionais de Direção do WMC de Kerkrade (Holanda, 1997) e da EBBA em Birmingham (Inglaterra, 2000). Em 2004 foi galardoado com o Prémio EUTERPE nas categorias de Direção de Banda e Composição de "Música para la Fiesta", pela Federação de Associações Musicais de Valência. Em 2010 recebeu o Prémio Nacional de Música "Ignacio Morales Nieva", atribuído pelo Festival de Música de Castela-Mancha.

Em 2018, José Rafael Pascual Vilaplana tornou-se maestro titular da Banda Municipal de Barcelona.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação a 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projecto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Night and Day* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, incluindo vários músicos que integram a formação. Alguns concertos contaram ainda com a participação de vários coros e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. A BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também a orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nas principais salas de espectáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha – no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Lleganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve os 1.ºs prémios no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1.ª secção, e na categoria superior (Concert Division) do 60.º World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições daquele que é considerado o "campeonato do mundo de bandas".

Em 2014, a BSP realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, realizando cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaxing. Participou em 2017 na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Realizou em Novembro de 2019 uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Gran Canaria.

Outros objectivos passam pela organização de masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção (contando-se já 25 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça). Em 2017, deu início ao festival BSP Júnior, que reúne anualmente centenas de jovens promissores instrumentistas.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flautas

Hêrlander Sousa
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboés

Pedro Moreira
Ana Sofia Maia

Fagotes

Pedro Rodrigues
Bruna Carvalho

Clarinetes

Crispim Luz
Horácio Ferreira
Ana Rita Petiz
Tiago Bento
João Ramos
Luísa Marques
Rui Lopes
Alcina Azevedo
Pedro Ramos
Tiago Batista
Catarina Pereira
Bruna Moreira
António Lopes (requinta)
Hugo Folgar (cl. baixo)

Saxofones

José Pedro Gonçálinho
(soprano e alto)
Ana Rita Pereira (alto)
Lúcio Monteiro (alto e tenor)
Isabel Anjo (tenor)
Marcelo Marques (barítono)

Trompas

Rui Pires
Pedro Martins
Nélson Silva
Nuno Silva
Hélder Vales

Trompetes

Telmo Barbosa
Sérgio Pereira
Tiago Ferreira
Tiago Peixoto
André Santos
Dora Capela

Trombones

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Diogo Andrade
Miguel Barros

Eufónios

Nuno Costa
Luís Gomes

Tubas

Jorge Fernandes
Xavier Novo

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
Pedro Góis
Jorge Lima
Paulo Mota
Daniel Araújo
Pedro Pereira
Jorge Pereira

Contrabaixo

Cláudia Carneiro